

O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DE DOCENTES EM NÍVEL SUPERIOR FRENTE OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR

Lorena Azevedo Costa¹

Silvair Félix dos Santos²

¹ Pós-Graduanda do curso de Especialização em Linguagens e Educação Escolar do Campus Anápolis de CSEH/UEG.

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Goiás e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

Resumo: Este artigo tem como principal objetivo analisar o papel da universidade na construção da identidade docente dos alunos de Ensino Superior frente aos desafios de ser professor. Sendo assim, a principal questão que o presente trabalho pretende responder é como os alunos da pós-graduação *lato sensu* – Especialização em Linguagens e Educação Escolar da Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas se identificam com a profissão professor frente aos desafios impostos pelo cotidiano de ser professor e qual o papel da universidade na formação desses docentes. Para tanto, recorreremos a teóricos como: Tenroller (2011); Quixadá-Viana (2013); Fernandes e Cazonato (2014); Duarte (2012), entre outros. Ainda de forma indireta outros autores influenciaram a pesquisa, haja vista a ampla bibliografia que tivemos acesso durante o período cursado na disciplina: Identidade na formação e atuação docente, entre os quais podemos citar: Freitas (2007); Bello (2001), entre outros teóricos. Além das experiências compartilhadas pelos discentes das áreas de Psicologia, História, Geografia, Matemática, Educação física, Letras- Habilitação em Língua Portuguesa/Língua Inglesa e Pedagogia. Como metodologia de pesquisa optamos pela aplicação de questionário aos estudantes da disciplina de Identidade na formação e atuação docente. Entre as questões destacamos a identificação dos sujeitos com a profissão professor, a importância da universidade para a constituição do sujeito docente e a importância da disciplina para a atuação docente. Um conceito importante para nosso trabalho é a Universidade entendida por Fernandes e Cazonato (2014) como instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas atuantes nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico. Quanto à justificativa, tal pesquisa se deve ao período cursado na disciplina Identidade na Formação e atuação docente.

Palavras-chave: Formação docente. Universidade. Identidade docente.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar o papel da universidade na construção da identidade docente dos alunos da pós-graduação *lato sensu* – Especialização em Linguagens e Educação Escolar da Universidade Estadual de Goiás frente aos desafios de ser professor. Sendo assim, a principal questão que o presente trabalho pretende responder é como os alunos

da pós-graduação *lato sensu* – Especialização em Linguagens e Educação Escolar da Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas se identificam com a profissão frente aos desafios impostos pelo cotidiano de ser professor e qual o papel da universidade na formação desses docentes.

Para tanto, recorremos a teóricos como: Tenroller (2011); Quixadá-Viana; Fernandes e Cazonato (2014); Duarte (2012), entre outros. Como metodologia de pesquisa optamos pela aplicação de questionário aos estudantes. Dessa forma, buscamos refletir a cerca das experiências compartilhadas por discentes do curso de nível superior. Quanto à justificativa, tal pesquisa se deve ao período cursado na disciplina Identidade na Formação e atuação docente.

Referencial Teórico

Primeiramente quanto ao papel da Universidade na construção da identidade docente, destacamos que a temática é recorrente entre os artigos acadêmicos. Entretanto, não temos como objetivo esgotar tal assunto, ensejamos apenas refletir a respeito da Universidade na construção da identidade de professores em formação continuada e os possíveis desafios enfrentados por esses sujeitos.

Dessa forma, podemos destacar o artigo de Sociologia: “A universidade, o indivíduo e a sociedade” de Fernandes e Cazonato (2014) que aborda o papel da Universidade frente à produção de conhecimentos e como o processo de civilização e evolução da humanidade determinam os rumos da ciência à luz da famosa obra: “A Sociedade dos Indivíduos” do sociólogo alemão Norbert Elias.

Os autores definem que sociedade se constitui em estruturas organizacionais que envolvem diversas formas de inter-relacionamentos e entrelaçamentos sociais. Sendo, a universidade um produto de comportamentos e entrelaçamentos sociais que corresponderia à memória de diversos conhecimentos. A produção de conhecimento está ligada ao processo de civilização e evolução da humanidade. Na universidade cumprem-se rituais e convenções de civilização que marcam presença na vida do indivíduo (estudante universitário) e ainda atua como instituição transformadora da sociedade.

A respeito do ser humano em sociedade, Fernandes e Cazonato (2014) afirmam que a partir do convívio do homem em sociedade se constroi a cultura, os comportamentos, os usos

e os costumes sociais e o próprio meio em que ocorre tal interação configura fator determinante para os rumos tomados por determinada sociedade.

Os autores apontam que com o amadurecimento do homem surgem questionamentos sobre si mesmo e sua existência. A curiosidade e a necessidade de solucionar as dúvidas levaram o homem a recorrer à imaginação e a razão. As perguntas e em especial as respostas vêm conduzindo o nosso progresso. Aos poucos a sociedade veio substituindo a improvisação pela ciência e métodos científicos. O que caracteriza a necessidade de sistematização da produção de conhecimento e suas ferramentas de forma racional. Ainda na antiguidade instituiu-se o conceito de universidade.

De acordo com Fernandes e Cazonato (2014) as universidades têm sido o principal local onde os cientistas desenvolvem o conhecimento e o domínio do entendimento humano sobre o mundo ao nosso redor. Sendo que, a atividade de produção de conhecimento aliada à prática educacional deve propiciar lideranças intelectuais, incitando os estudantes a aprenderem, e através do método científico, entenderem o mundo para, então, transformá-lo.

Os autores definem que a universidade é uma instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas atuantes nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico. Apresenta como principal objetivo formar indivíduos críticos e participativos na melhoria das condições sociais. Com relação ao que diz a nossa legislação, os teóricos apontam que universidade é aquela instituição que, além de ensino, apresenta pesquisa e extensão.

Ainda a respeito da universidade, podemos verificar o artigo da área de Humanismo e Tecnologia: “Ser professor universitário: qual a responsabilidade?” de Duarte (2012) em que trata sobre o papel da universidade no mundo atual, o autor afirma que uma das grandes funções da universidade, no século XXI, é ensinar a ética do gênero humano. Os professores comprometidos com a arte de ensinar não poderão prescindir de tal fundamento, independente da disciplina ministrada. Deve ser, sobretudo, uma disciplina humana, isto é, ela tem sentido para a formação do humano. Para se formar o bom profissional de qualquer área é necessária à sólida formação humana com a competência profissional.

Ainda a esse respeito, o autor argumenta que a universidade tem um grande papel a desenvolver, haja vista que precisa ter como objetivo principal formar pessoas na sua integralidade, ou seja, formar seres humanos por inteiro. A instituição de ensino superior tem o dever de formar a pessoa tendo em mente a sua singularidade e claramente deve instigar em

cada indivíduo o gosto pelo pensar, a busca da transformação daquilo que gera desumanidade, alienação e coisificação do humano.

Para Duarte (2012) é fato incontestável que a Universidade desempenha importante função no mundo atual, pois o acelerado processo de desenvolvimento tecnológico e a rápida difusão das informações e do conhecimento tornam a instituição um espaço fundamental para a preparação de pessoas competentes para atenderem às demandas desse novo tempo, sendo assim deve preparar a um só tempo os profissionais que o mercado precisa e, principalmente, as pessoas de que o mundo precisa.

A respeito da formação dos professores que como afirma Duarte (2012) deve ser constante, podemos observar que o que nos diz Tenroller (2011) a busca por aperfeiçoamento profissional na carreira docente é cada vez mais frequente. Entretanto, há uma situação discrepante no ambiente de Ensino Superior em que, por um lado, os alunos estão atualizados com a tecnologia, haja vista que o Ensino Superior, em especial a Especialização é uma forma de atualização profissional e pelo outro, alunos desmotivados que almejam apenas destaque no mercado de trabalho, isto é, sujeitos que buscam a formação continuada como forma de uma qualificação profissional.

A teórica defende que o conhecimento profissional representa o conjunto de saberes que habilita o indivíduo para o exercício de sua profissão. Tal conhecimento se constroi na formação inicial e continuada e é aprimorado na prática diária da profissão. No entanto, além desse conjunto de conhecimentos o professor precisa de saberes que permitam analisar a realidade que o cerca. O professor ao ingressar no magistério superior tem que comprovar sua eficiência, competência e capacidade o que se demonstra como obstáculo quando se lida com ferramentas de trabalho prontas e “engessadas”. A falta de autonomia com relação ao material didático é um obstáculo também no ensino básico, em especial para professores iniciantes que não tem estabilidade na profissão. Além da interferência dos pais de alunos nas instituições de ensino.

Quanto à postura conservadora que a sociedade tem com relação ao professor, destacamos o que nos diz Quixadá-Viana (2013) em seu artigo: “A identidade do professor e o papel da pesquisa no fazer docente”, em que a teórica afirma que o professor era encarado como um sujeito que reproduzia o conhecimento acumulado nos livros. Esses eram confeccionados por aqueles que se dedicavam a tal ofício.

Entretanto, a partir da década de 80, abriu-se um novo cenário para os educadores. A produção intelectual baseava-se principalmente nos ideais de Paulo Freire. Tal contexto demandava um novo tipo de professor. Sendo assim, a prática docente deveria ser focada no conhecimento contextualizado, no diálogo, na transformação social. No contexto da globalização, a política educacional passa a ser vista pela ótica do mercado. A prática docente continua centrada em uma postura tradicional.

Quixadá-Viana (2013) argumenta que a partir dos anos 90, o professor é avaliado como profissional reflexivo e posteriormente como professor crítico reflexivo ou intelectual crítico reflexivo. Caberia assim, ao professor instigar seus alunos para construir e reelaborar seu próprio conhecimento a partir da pesquisa.

Verificamos que a mudança de paradigma da profissão docente é apenas uma das facetas que se mostram como obstáculo para a construção da identidade docente e para a atuação do professor no cotidiano. Passaremos a explicitar os dados coletados na pesquisa, tendo em vista refletir sobre alguns aspectos.

Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário com 12 questões respondido por alunos da Pós-graduação *lato sensu*- Especialização em Linguagens da Universidade Estadual de Goiás da cidade de Anápolis. O nome dos sete voluntários da pesquisa será mantido em sigilo. A faixa etária dos colaboradores da pesquisa variou entre as idades de 24 e 45 anos. Passaremos a explicitar a seguir os dados coletados.

Resultados e Discussões

Quanto à formação acadêmica dos discentes podemos verificar: (a) cursos de graduação: Letras – habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa; Pedagogia; Geografia; História; (b) cursos de especialização: docência universitária; didática e processos de aprendizagem, além da especialização em Linguagens e Educação Escolar.

A respeito de como os discentes decidiram se tornar professores destacamos as seguintes respostas¹: “Bem, escolhi Letras, pois o curso envolve literatura e língua estrangeira, além disso outro fator foi o de fazer um curso que não possuísse Matemática ou qualquer coisa do tipo na grade curricular”; “Eu sempre gostei de geografia e história, eram conteúdos que me chamavam a atenção quando eu era estudante do ensino básico. Tinha em mente que faria vestibular pra história ou geografia”; “Essa decisão foi acontecendo de forma processual. No meu primeiro ano do curso de Letras, ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e ao longo de todo o curso fui me envolvendo em projetos que envolviam direta ou indiretamente o trabalho com a sala de aula. Os assuntos, situações e pessoas com as quais eu estava envolvida me direcionavam para essa profissão”;

Quanto aos medos ou anseios com relação à profissão professor, verificamos o seguinte: “Meu maior anseio é transformar o mundo! Gostaria de viver em uma sociedade justa, igualitária e não discriminatória. E meu maior medo é não conseguir isso”; “Atualmente receio o mercado de trabalho, que é excludente, e a carreira docente que depende não apenas da pessoa que atua na área, mas também de outros fatores para sua valorização, como por exemplo, o governo”; “Tenho medo de agressão verbal e principalmente física por parte dos alunos ou seus pais”; “A educação para atender o mercado e a importância que se dá para as estatísticas, tem causado prejuízos para uma educação de qualidade. É necessária uma tomada de consciência da educação como meio de transformação social com mais valorização nesse setor”; “Meus medos é não conseguir me realizar financeiramente, e a cada final de ano a minha angústia é saber que dos 25 alunos com que trabalhei naquele ano, há sempre um ou dois que não conseguiram superar suas dificuldades, isso é frustrante pois o ideal é que todos avancem para a série seguinte plenamente capazes”.

Quando questionados sobre como se veem professores observamos: “agente da transformação”; “Me considero uma professora que gosta da profissão, mas também sou guerreira e insistente, pois as atuais condições da profissão, e não estou falando de alunos indisciplinados, essas reclamações mais comuns, estou falando de gestão, infraestrutura, plano de carreira, etc., fazem com que uma pessoa queria fazer outra coisa na vida”; “Vejo-me como uma profissional que reflete sobre seus erros na prática de sala de aula e tento desempenhar meu ofício da melhor maneira possível”; “Como uma professora que faça a

¹ As respostas transcritas neste trabalho não sofreram alterações de nenhuma espécie, sendo mantidas assim como no texto original.

diferença com os alunos para o melhor, para a mudança positiva, quero dar o melhor de mim”; “Me vejo uma professora comprometida com minha profissão no sentido de buscar respostas para os desafios diários dela, sou equilibrada e tranqüila na minha prática e é claro, sempre procuro pautar minhas ações nas principais teorias da educação. Gosto de planejar aulas interessantes e vejo sempre meus alunos responderem a elas com entusiasmo e dedicação. Uma auto crítica a meu trabalho seria o fato de eu não ser dura com meus alunos, percebo que isso atrapalha na disciplina da turma”.

A respeito de uma possível situação difícil/constrangedora que enfrentaram em sala de aula: “No início da profissão, na primeira escolha onde trabalhei, era muito constrangedor o fato do coordenador do turno vespertino entrar em minha sala de aula interferindo, explicando uma coisa outra sobre como eu deveria realizar meu trabalho. Era como se eu estivesse sendo vigiada. Aguentei um ano nesta escola e acho que foi tempo demais”; “Tenho vivido constantemente esse constrangimento em uma sala de uma escola, onde não há grandes rendimentos e progressos, sinto-me frustrada e péssima por não conseguir alcançar os objetivos. Contudo é uma reclamação de vários professores e nada é feito pela coordenação pedagógica para sanar tanta indisciplina, desinteresse e falta de motivação para estudar”; “A situação mais difícil e constrangedora foi uma situação de violência. Dois alunos do 6º ano do Ensino Fundamental se envolveram em uma briga física e um dos alunos tentou ferir o outro com uma tesoura. Tentei separá-los, mas também fiquei com medo de ser agredida (por acidente) com a tesoura, já que os dois estavam em um estado de raiva fora de normal. Outros alunos tiveram que interferir para conseguir separá-los. Me senti muito abalada e o restante da aula não rendeu absolutamente nada, porque eu estava visivelmente sensível”; “Foi uma situação com uma criança de 3 anos extremamente agressiva que batia em todas as crianças da sala e os pais repetidas vezes reclamavam dessa criança. Minhas ações de conversar com a criança pareciam não resolver nada, por outro lado eu tinha que responder aos pais sobre a situação em que seus filhos estavam sendo expostos. Foi um momento de muito estudo e também sofrimento, pois as orientações teóricas estavam demorando muito para surtir efeito, foi quando cheguei à conclusão que não dependia somente do meu trabalho, mas deveria ser uma ação conjunta entre mim, a família e a direção da creche. Ai o negocio complica! Nem sempre temos esse apoio. Fiquei sozinha nesse processo ao ponto de desistir dessa etapa da educação e voltei para o ensino fundamental”.

De acordo com os discentes o curso de pós-graduação *lato sensu* – Especialização em Linguagens e Educação Escolar contribui para a formação da identidade docente e entre as

respostas estão: “Acho que essa identidade ainda está em construção. Gosto de pensar sempre no plural, considerando a existência de IDENTIDADES. Creio que a maior contribuição seja a consciência crítica e classista que o curso traz. Como diz Paulo Freire: “temos que saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos”; “Esse curso está mudando a minha maneira de me ver como professor. Contribuí para melhorar a minha maneira de avaliar os alunos”; “Muito, tenho aprendido coisas que não vi antes, que me capacitam, e me aperfeiçoam para meu crescimento profissional”; “Permitiu uma reflexão sobre a minha identidade enquanto professora, pois até então nunca havia dado certa atenção para essa questão”.

E finalmente quando questionados a respeito das mudanças que observaram em si mesmo antes e depois da Universidade e das principais contribuições da Universidade para sua formação profissional e pessoal, verificamos: “Sinceramente, quando optei pela licenciatura, mais ou menos com 17 anos, a visão que eu tinha de mim mesma era a de uma pessoa realizando um trabalho pedagógico da mesma forma com que eu via minhas professoras fazendo. Isso, claro, antes da Universidade. Atualmente, percebo que o trabalho universitário é o de desconstruir estas práticas e, ainda bem, não me espelho mais nelas”; “Antes eu não tinha a percepção política que tenho. Percebo-me enquanto sujeito dentro de estruturas sociais desiguais que foram criadas ao longo da história. As contribuições da universidade na minha vida foram; a mudança na minha visão de mundo, pois o curso de geografia me possibilitou isso. E através da graduação que fiz, pude passar num concurso público e ter certa estabilidade no emprego”; “Tem possibilitado um crescimento em diversos aspectos, entre eles destaco as reflexões sobre o papel que a escola desempenha na sociedade, e todas as relações de poder que a cercam”; “Me vejo como uma pessoa completamente diferente. A convivência com a diversidade de pensamentos e comportamentos que a Universidade proporciona é muito rica. As contribuições são infinitas. As principais, do ponto de vista de profissional, dizem respeito aos saberes teóricos e pedagógicos. Do ponto de vista pessoal, o contato com pessoas da área, colegas e amigos é muito importante, sendo como um respaldo e criando uma sensação de pertencimento. Além disso, a necessidade da humildade, foco e respeito com as crenças alheias foi algo que aprendi aos poucos, e que ainda estou aprendendo”; “A universidade pra mim foi extremamente importante! Foi nela que aprendi a dar respostas às minhas ações profissionais. Enquanto pessoa, ela sem duvida me tornou muito mais critica e reflexiva”.

Conclusão

A partir da exposição dos dados da pesquisa e tendo em mente nossa principal questão: como os alunos da pós-graduação *lato sensu* – Especialização em Linguagens e Educação Escolar se identificam com a profissão professor frente aos desafios impostos pelo cotidiano de ser professor e qual o papel da universidade na formação desses docentes.

Observamos quanto à profissão que os discentes se identificam com a docência e apresentam perspectiva positiva a respeito da própria atuação, ainda que limitada por fatores como: jornada exaustiva de trabalho, desvalorização salarial, indisciplina e desmotivação dos estudantes, falta de autonomia, violência em sala de aula, entre outros.

Os discentes reconhecem a importância da formação continuada, haja vista que além do curso de Pós-graduação *lato sensu*- Especialização em Linguagens e Educação Escolar, pretendem ingressar em curso de nível superior *stricto sensu*. Neste sentido, admitem a necessidade da formação e atualização da identidade docente ou ainda “identidades”, pois estão em construção, isto é, não há uma identidade pronta e acabada. Podemos assim, resgatar o que nos diz Tenroller (2011) a busca por aperfeiçoamento é cada vez mais frequente. O conhecimento profissional representa o conjunto de saberes que habilita o indivíduo para o exercício da profissão. Tal conhecimento se constroi na formação inicial e continuada. A teórica ainda apresenta que um dos obstáculos para o magistério é a falta de autonomia que verificamos no relato de um dos colaboradores da pesquisa: “[...] era muito constrangedor o fato do coordenador do turno vespertino entrar em minha sala de aula interferindo [...]”.

A respeito do papel da Universidade na construção da identidade docente. Os discentes reconhecem a importância da instituição de ensino superior. Destacamos um dos relatos: “[...] A convivência com a diversidade de pensamentos e comportamentos que a Universidade proporciona é muito rica. As contribuições são infinitas. [...] Do ponto de vista pessoal, o contato com pessoas da área, colegas e amigos é muito importante, sendo como um respaldo e criando uma sensação de pertencimento”. Podemos recuperar o que nos diz Fernandes e Cazonato (2014) a universidade é um produto de comportamentos e entrelaçamentos sociais que corresponderia à memória de diversos conhecimentos o que vem de encontro com o relato em que percebemos a interação entre diferentes sujeitos. A produção de conhecimento está ligada ao processo de civilização e evolução da humanidade. Na universidade cumprem-se rituais e convenções de civilização que marcam presença na vida do indivíduo (estudante universitário) e ainda atua como instituição transformadora da sociedade.

Por último, podemos refletir sobre a questão da violência em âmbito escolar observado no relato de dois dos colaboradores. Quanto a tal temática Lopes e Gasparin (2003) afirmam que nos últimos anos, a violência escolar tem se constituído em um problema social de amplitude mundial. Amplamente divulgada e explorada pelos meios de comunicação. Tornou-se alvo de interesse de um número crescente de pesquisadores.

Referências

- BELLO, José Luiz de Paiva. *Educação no Brasil: a história das rupturas*, 2001.
- DUARTE, Marco Antônio. Ser professor universitário: qual a responsabilidade?. *Revista Científica On-line Tecnologia – Gestão – Humanismo*, Faculdade de Tecnologia de Guaratinguetá, São Paulo, v.1, n.1, maio. 2012.
- FERNANDES, João Carlos Lopes; CAZONATO, Rodrigo J. A universidade, o indivíduo e a sociedade. *Revista café com Sociologia*. v 3, n. 2, p. 82 - 94, 2014.
- FREITAS, Helena Costa Lopes de. *A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada*, 2007.
- LOPES, Claudivan Sanches; GASPARIN, João Luiz. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 25, n.2, p. 295-304, 2003.
- QUIXADÁ-VIANA, Cleide Maria Quevedo. *A identidade do professor e o papel da pesquisa no fazer docente*, 2013.
- TENROLLER, Regane Maria; NEZ, Egeslaine de; OLIARI, Fátima Albertina Sangaletti e ROQUETTE, Rosângela Ferraça. A identidade e a formação do professor da educação superior. *3º Congresso Internacional de Educação*, Ponta Grossa – Paraná, 2011, p.1-14.